

A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Polyana Fernandes Pereira dos Santos¹, Marco Aurélio Gomes de Oliveira²

O presente artigo é resultado da pesquisa realizada na monografia sobre o tema “A Literatura Infantil na Educação Infantil” e tem como objetivo analisar a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças; problematizar a concepção do professor de como trabalhar a Literatura Infantil e investigar as concepções de Literatura Infantil presentes no Brasil a partir do século XX. Para tanto, o trabalho está dividido em dois momentos e para sua composição foram pesquisadas fontes bibliográficas em que se destaca Coelho (1985), Abramovich (1993) e Simões (2000). A primeira parte contempla a história da Literatura Infantil brasileira no século XX e nela são destacados os principais contextos históricos vividos pela sociedade da época e também os principais autores e livros que fizeram parte da construção da educação neste século. Já a segunda parte discute a importância desta literatura para as crianças ainda não alfabetizadas juntamente com a prática de algumas professoras de uma determinada escola. Para finalizar, é destacada a relevância que as histórias infantis têm no momento da aquisição da escrita, uma vez que as crianças da Educação Infantil estão se preparando para entrar no mundo da escrita (Ensino Fundamental) e por isso falar um pouco sobre a escrita e sua relação com as histórias infantis. Acredita-se que este trabalho seja de fundamental importância, pois enfatiza a Literatura Infantil no percurso do estudante desde seus dois anos de idade, uma vez que não há necessidade de esperar pela alfabetização formal para que as crianças se envolvam com a leitura de histórias infantis e a produção de textos.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Literatura Infantil.

This article is the result of a research about “Children’s Literature in early education” and its goal is to analyze the importance of Children’s Literature to their social, cognitive and affective development. Another objective is to discuss the conception of how the teacher works with this kind of Literature and to investigate the conceptions of Children’s Literature in Brazil from the 20th century on. In order to do that, this paper is divided into two parts and some authors were researched to serve as its base, such as Coelho (1985), Abramovich (1993) and Simões (2000). The first part is about the history of Brazilian Children’s Literature in the 20th century and the main historical contexts lived by the society of that time are highlighted, the principal authors and books that took part in the construction of the education of that century are also studied. In the second part, it is discussed the importance of that Literature for children that are still illiterate with the practice of some teachers in a specific school. Finally, it is pointed out the importance that children’s stories have when children are acquiring the writing skills, once that kids who take part in early education are preparing themselves to enter the literate world (preliminary school) and, therefore, it is vital to discuss writing and its relation with children’s stories. This article is relevant because it emphasizes Children’s Literature in the student’s path since he/she is two years old, once it is not necessary to wait for formal education to get kids involved with infant stories reading and text production.

Keywords: Alphabetization. Literacy. Children’s Literature.

¹ Especialista em Educação Infantil pelo Centro de Ensino Superior do Brasil (CESB). Escola São Bernardino de Siena. Av. João XXIII, n 81, Centro, Catalão - GO. Escola Municipal Pedro Netto Paranhos. Rua 416, n 416, Bairro Pontal Norte, Catalão - GO. E-mail: polyanafps@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: marcoaurelioufu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Brasil caminha para o progresso. Na economia, na política e na cultura a carência era total e não sendo diferente, o ensino estava/era praticamente inexistente. Houve algumas tentativas de criação de Cursos, Academias e Escolas, mas na prática não se teve bons resultados. Nessa época, a educação era um problema preocupante.

Foi no período das grandes transformações (econômica e política) que o sistema escolar nacional passa por reformas, sendo agregado a essa área a produção literária para crianças e jovens. Então, começa a se firmar no Brasil, concomitante ao aumento de traduções e adaptações de livros, a ideia de que uma literatura própria se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras, valorizando assim o nacional.

A partir dos anos 1970, a paisagem educacional começa a mudar. Alguns valores ideológicos formam a base desse sistema educativo. São eles: o nacionalismo: preocupação em incentivar o patriotismo e o amor pela terra; o intelectualismo: valorização do estudo e do livro; o tradicionalismo cultural: valorização dos grandes autores e obras do passado; moralismo e religiosidade: exigência da honestidade, caráter, fraternidade dentro dos preceitos cristãos.

2. PRINCIPAIS LIVROS E AUTORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A ORGANIZAÇÃO EFETIVA DE UM ENSINO BRASILEIRO

Alguns autores do século XIX e XX contribuíram para a efetivação do ensino no Brasil. A começar por Antônio Marques Rodrigues, o primeiro livro brasileiro de grande repercussão na área da educação foi *O Livro do Povo* (1861). Marques Rodrigues foi um escritor que se preocupou com a Educação Infantil e com o ensino primário e tentou satisfazer algumas necessidades deste. Também distribuía seus pequenos livros gratuitamente pelas escolas do Norte e Nordeste brasileiro.

Abílio César Borges foi um médico que trocou a medicina pela profissão de professor. Procurou escrever livros destinados às crianças e a

partir daí começou a fazer adaptações de livros europeus. Foi em 1868 que César Borges escreveu uma série de livros de leitura chamados de Método Abílio, o qual representou um salto na pedagogia brasileira e o revelou como um verdadeiro pedagogo.

Outro autor que teve a coragem de lutar pelo ensino no Brasil foi Joaquim José de Meneses Vieira, também professor que se “destacou entre os que marcaram a evolução das ideias pedagógicas e a prática de ensino em sua época” (Coelho, 1985, p. 170). Fundou um colégio e publicou vários livros didáticos e literários, entre eles o Manual para os Jardins da Infância, publicado em 1882 e foi o primeiro livro brasileiro sobre a educação primária. Também recebeu medalha de ouro por trabalhos apresentados em congressos.

Assim como César Borges, Hilário Ribeiro de Andrada e Silva também escreveu uma série, intitulada Série Instrutiva (1882) e foi uma das mais populares do país. É uma série composta de quatro livros que serviam como orientação pedagógica da época, em que se destacavam a intenção de nacionalismo; a aprendizagem da leitura pela criança com textos próximos do cotidiano; o conhecimento do mundo pela criança através de textos que apresentavam regiões geográficas, fauna, flora e marinha; a formação do cidadão com seus deveres e amor à pátria. Nesta série estão caracterizados os valores da Sociedade-liberal-burguesa-cristã que formavam a base da produção literária e didática da época.

Júlia Lopes Almeida foi uma grande escritora para a Literatura Brasileira e *Contos Infantis* (1886); foi sua primeira produção para crianças, um conjunto de sessenta narrativas em verso ou prosa destinada à diversão e instrução da infância que fez muito sucesso.

Além de Hilário Ribeiro, quem também escreveu uma série de livros foi Felisberto de Carvalho. Esta série de Livros de Leitura (1890) trazia muitas ilustrações, sendo algumas coloridas. Mas não foi somente esta. O escritor escreveu também uma Série Didática (1890) que abrangia noções de história, gramática, língua portuguesa, geometria, redação e instrução moral e cívica.

Um educador paulista que também contribuiu com o ensino foi Romão Puiggari. O livro *Coisas Brasileiras* (1893) de sua autoria foi o que mais atendeu às necessidades referentes ao nacionalismo. Neste, Puiggari mostrava às crianças, com criatividade e bom humor, conhecimentos da flora, fauna, geografia e tradições brasileiras, além de ter sido um livro fora dos esquemas didáticos da época.

Juntamente com ele, Arnaldo de Oliveira Barreto escreve a série Puiggari/Barreto (1895) composta por quatro Livros de Leitura. Os livros desta série, segundo Coelho (1985), fogem ao antigo modelo de livro didático de leitura árida, sem vida e sem interesse. Barreto também tinha a preocupação com a carência de livros destinados à criança. Então, no mesmo ano escreve a *Cartilha das Mães*. Era um escritor pioneiro no uso de gravuras para ilustrar livros didáticos. Em 1915 criou a Biblioteca Infantil e o primeiro volume foi *O Patinho Feio*, de Andersen. Através dos anos outros títulos foram acrescentados e os primeiros continuaram a ser reeditados.

Outro ilustre educador do Brasil de entreséculos foi João Kopke. Seus Livros de Leitura fizeram grande sucesso na linha didática brasileira. Fundou a Escola Neutralidade e tinha uma extraordinária capacidade de escrever livros para crianças e adolescentes.

Fausto Barreto e Carlos de Laet organizaram a *Antologia Nacional* (1895) que foi um dos livros mais populares nas escolas brasileiras nos primeiros anos do século XX. Esta Antologia serviu como formação literária básica para muitas gerações de brasileiros e serviu também como modelo para muitas antologias que surgiram depois. Sua primeira parte era dedicada à língua portuguesa e na sequência a ênfase era dada ao contemporâneo e ao nacional.

Alberto Figueiredo Pimentel foi quem tomou a iniciativa de organizar a coletânea de Literatura Infantil chamada *Contos da Carochinha* (1896). Sua intenção era traduzir em “língua brasileira” os contos infantis que circulavam em outras línguas e se destacou por preocupar-se em popularizar o livro, tornando os autores clássicos mais acessíveis.

Uma segunda figura feminina que contribuiu com o ensino foi Zalina Rolim. Sua

produção se destaca nas poesias, mas escreveu também o *Livro das Crianças* (1897), o qual era uma coletânea de contos e histórias em versos e que foi um grande sucesso da literatura escolar da época.

Um pouco mais tarde, outra mulher bastante respeitada na poesia brasileira foi Francisca Júlia da Silva Munster. Ela lutou pela divulgação da cultura e literatura e teve grande influência no processo de renovação do ensino e das letras para crianças. O *Livro da Infância* (1899) e *Alma Infantil* (1912) foram adotados por muitas escolas. Este último, escrito com a colaboração de seu irmão Júlio César da Silva.

Um educador que teve a preocupação de ensinar através de contos e histórias que divertissem as crianças foi Francisco Vianna. Escreveu *Leituras Infantis* (1900) empenhando-se na criação de uma literatura nacional para crianças, porém entendia que os contos e as histórias não podiam ser subordinados somente ao prazer e a diversão. Para ele, tais textos poderiam ser aproveitados para a formação dos sentimentos e do caráter.

Em 1905 é criado o *Tico-Tico*, primeiro jornal infantil em quadrinhos editado no Brasil. Teve uma leitura querida de várias gerações de crianças brasileiras. Além das histórias em quadrinhos, eram publicados neste jornal textos clássicos da Literatura Infantil, quebra-cabeça, jogos, cartas enigmáticas entre outros. “Seu sucesso foi imediato e duradouro, transformando-o em um marco na história das estórias-em-quadrinhos” no Brasil (COELHO, 1985, p. 178).

Uma escritora que renovou o ensino e as leituras infantis foi Alexina de Magalhães Pinto. Ela começa com uma coletânea, *As Nossas Histórias* (1907), a qual é uma produção de livros infantis que expressam as diretrizes almejadas na época.

Outra escritora que teve ação importante na divulgação das novas ideias educacionais, culturais e literárias foi Presciana Duarte de Almeida. Ela criou uma revista estudantil, escreveu peças de teatro e publicou *Páginas Infantis* (1908), a qual era uma coletânea de pequenas histórias.

Destaque também na Literatura Infantil foi Viriato Correia, que escreveu *Era Uma Vez* (1908),

uma coletânea de contos folclóricos e contos maravilhosos. Em sua bibliografia destacam-se as fábulas folclóricas e temas históricos, sempre tratados de modo a divertir ensinando. Seu maior sucesso foi Cazuza.

Através do Brasil (1910) foi um dos grandes sucessos da literatura brasileira no século XX. Era um livro, segundo Coelho (1985), estruturado dentro da orientação vigente na época, porém trazia uma novidade, que era a unidade narrativa, ou seja, ao invés de serem narradas diferentes histórias, Através do Brasil desenvolvia uma só narrativa que desencadeava informações históricas, geográficas e de ciências naturais.

Tales Castanho de Andrade foi um dinamizador do setor educacional e publicou em 1919 a novela Saudade que teve sucesso imediato com a mistura de ficção e realidade e com a mescla da vida simples do campo com as dificuldades da cidade. O autor tinha uma grande preocupação com as leituras para crianças e por isso escreveu várias histórias infantis, onde se podia encontrar a preocupação dele com a natureza. De acordo com Coelho (1985), revelá-la às crianças brasileiras e fazer com que elas amassem-na foi um dos seus objetivos como escritor. Em Saudade, Tales de Andrade mostra a valorização dos costumes do campo e enfatiza o tema que alimentava a imaginação dos escritores para crianças, que era o ruralismo ou a natureza natural.

Esse breve passeio pelos séculos XIX e XX mostra que vários educadores e escritores batalharam por uma literatura e por um ensino que superasse a carência educacional que existia. Porém, ainda falta mais literatura e mais ensino para que essa situação seja superada. Esses escritores e educadores dos séculos anteriores fizeram o que lhes cabiam. Agora, século XXI, os novos devem lutar, escrever, e fazer uma literatura e um ensino para permear nos séculos seguintes.

1.1. Monteiro Lobato: um marco na literatura infantil

O gosto do escritor pela leitura foi despertado ainda na infância, tanto que a escrita, a leitura e a pintura começam a fazer parte de sua vida desde cedo. Aos seis anos já escrevia bilhetes

para seu avô e quando era estudante em sua cidade natal, já colaborava com artigos em jornais escolares.

José Bento Monteiro Lobato é conhecido como o mestre da Literatura Infantil. Nasceu em Taubaté (SP) e começou a publicar seus primeiros contos no jornal "O Estado de São Paulo". Desde adolescente começara a lidar com as letras, escrevendo crônicas e artigos para a imprensa do interior e da capital paulista. Amante da leitura, preocupava-se com a renovação da Literatura Brasileira, no sentido de buscar o nacional tanto na realidade quanto na linguagem.

Lobato foi um dos que se empenharam nessa luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional. A princípio na área da Literatura, seja para adultos ou para crianças; mais tarde, no campo econômico e político (COELHO, 1985, p. 186).

Sabe-se que por volta de 1916, Lobato já se preocupava com os livros de leitura para as crianças. Então, estuda um meio de modificá-las. Em cartas trocadas com seu amigo Godofredo Rangel, ele diz que tem várias ideias de se fazer isto. Uma delas é "vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades" (p. 186). Ele achava a nossa Literatura Infantil muito pobre.

Mas a sua produção original apareceu antes deste trabalho com as fábulas e titulava "A menina do narizinho arrebitado" (1920), o qual foi o livro que o lançou e contém inúmeras ilustrações coloridas. Fez um enorme sucesso entre as crianças; isto devido a um fator muito importante: os pequenos se sentiam identificados e à vontade com as situações narradas (familiar e afetiva), que penetrava pelo maravilhoso e pelo mágico. Neste contexto, Lobato fundia o Real e o Maravilhoso em uma única realidade.

Dedicou-se intensamente à Literatura Infantil e publicou várias obras de imaginação e fonte de alegria, das quais se destacam: Reinações de Narizinho (1921), O Saci (1921), O Marquês de Rabicó (1922), O Pica Pau Amarelo (1939), entre outras. Nessas histórias criou o Sítio do Pica Pau Amarelo, o qual é o lugar onde se passa a maioria de suas histórias infantis. O Sítio do Pica Pau Amarelo é um sítio no interior do Brasil, tendo como uma das personagens a senhora dona da

fazenda Dona Benta, seus netos Narizinho e Pedrinho e a empregada Tia Nastácia. Essas personagens foram complementadas pela imaginação das crianças com a irreverente boneca Emília, o sábio Visconde de Sabugosa, o porco Rabicó, o rinoceronte Quindim etc.

Em 1926 seus livros já estavam sendo traduzidos no exterior. Isso mostra que “Lobato conseguiu fixar o nacional em sua essência humana e universal. Durante anos, gerações de crianças, brasileiras ou não, moraram no Sítio do Pica Pau Amarelo” (COELHO, 1985, p. 186).

Lobato foi um intelectual comprometido com o nacionalismo. Com grande compreensão do homem e da terra brasileira, renovou a arte da narrativa, encontrando o caminho criador que a Literatura Infantil estava precisando. Então, rompe com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o século XX exigia.

Em sua obra de literatura geral, há livros de ficção e outros sobre questões sociais, políticas e econômicas, mas todos apresentam caráter nacionalista e interesse pelos problemas do país e pela construção do seu futuro. Dentre suas obras destacam-se também: *Urupês* (1ª coletânea de contos - 1918), *Negrinha* (1920), *A onda verde* (1921), *O macaco que se fez homem* (1923).

Quando a televisão começou a despertar o interesse, também como fonte de lazer assim como a leitura e esta queria desaparecer, a criação de Monteiro Lobato conheceu uma nova fase: a da teledramaturgia. Em 1952, inicia na TV a série “O Sítio do Pica Pau Amarelo”. Redescobrimos as personagens lobatianas para esse novo público, formado pelo imediatismo da imagem, foi aberto novamente o caminho para a leitura do mundo escrito por Lobato, pois fascinados pelo espetáculo, acabavam indo aos livros.

Sua vasta produção na área infanto-juvenil reúne obras originais, adaptações e traduções. Eis algumas delas:

- Originais: *A menina do narizinho arrebitado* (1920), *O saci* (1921), *O marquês de Rabicó* (1922), *A caçada da onça* (1924), *Emília no país da gramática* (1933).
- Adaptações: *O irmão de Pinóquio*, *O gato Félix* (1927), *História do mundo para*

crianças (1933), *Histórias de tia Nastácia* (1937).

- Traduções (anos 30): *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll), *O lobo do mar* (Jack London), *Pinóquio* (Collodi), *Pollyana e Pollyana moça* (Eleanor Porter).

É nas narrativas originais que se encontra a maior originalidade de Monteiro Lobato, a qual se destaca por redescobrir realidades estáticas e dar a elas vida nova. Já em suas adaptações, Lobato atendeu a dois objetivos, em que por um lado queria levar até às crianças o conhecimento da tradição e por outro queria questionar as verdades. Suas traduções, que tiveram maior produção nos anos 30, foram bastante férteis, pois através delas várias obras importantes tornaram-se acessíveis aos leitores brasileiros.

O autor morreu em 4 de julho de 1948, em São Paulo (SP).

1.2. A Literatura Infantil no Século XX

Começando pelos anos de 1920, este texto abordará a Literatura Infantil no Brasil até os anos 80 de um modo mais amplo, tentando relacioná-la com o contexto social da época.

Anos 20. Período em que o Modernismo de 1922 é consolidado através da Semana da Arte Moderna. Foi nesta época que surgiu o verdadeiro espaço da Literatura Infantil Brasileira. Neste período de transição entre o Tradicionalismo e o Modernismo, debates sobre reformas educacionais são impulsionadas a exemplo dos métodos pedagógicos europeus. Com isso, novos rumos são dados à Literatura Infantil.

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pelos esforços de reorganização política e reconstrução econômica. Nesta época, o mundo vivia o caos econômico da queda da bolsa de valores de Nova York em 1929. Em 1939 até 1945 eclode a Segunda Guerra Mundial, período sucedido pela ditadura de Getúlio Vargas.

No âmbito da educação, seguia em frente a agitação das novas ideias pedagógicas e se discutiam propostas para o novo planejamento da Educação Nacional. Foi na década de 30 que se criou o Ministério da Educação, concretizando assim as novas diretrizes da educação pública, a

qual abrangia o ensino primário, secundário e superior.

Segundo Coelho (1985), também nesta década, mais precisamente em 1937, firmam-se as bases democráticas da Educação Nacional. Deste modo, vários setores são atingidos por essa preocupação reformista (o da Cultura, por exemplo), e é aí que a Literatura Infantil se impõe às autoridades como uma das preocupações da época. Um dos primeiros resultados dessa preocupação foi a criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em 1936, em São Paulo.

Simultaneamente à nova política educacional e à crescente expansão da rede escolar, cresce também a produção da Literatura Infantil, a qual se baseava na intencionalidade pedagógica, ou seja, o saber através do estudo é o perfeito caminho na preparação do homem para a vida.

Coelho (1985) afirma que nos anos 30 e 40, além dos livros de Lobato, poucos foram os escritores que atingiram a desejável literariedade, uma vez que se predominava o imediatismo das informações úteis e da formação cívica.

A produção dos anos 30 mostra a divergência entre o Realismo e a Fantasia. Tal oposição, segundo Coelho (1985) leva alguns setores educacionais a se colocarem contra a Fantasia na Literatura, exigindo somente a verdade e o Real. Esta reação anti-fantasia se estende até os anos 40. O que chamava a atenção das crianças nessa época era o *Jornalzinho* "O Tico-Tico", o qual deu impulso para surgirem novas revistas infantis e alguns suplementos juvenis e gibis lançados pelos jornais da época. Gibis estes que tiveram a sua verdadeira expansão na década de 40, também chamados de literatura quadrinizada, que evidenciava os super-heróis, as séries detetivescas e as aventuras entre o maravilhoso e a ciência.

Nos anos de 1930 a violência se expande nos rastros da má situação econômica que se espalhava pelo mundo e esta violência é exportada para outros países através de filmes e da literatura em quadrinhos. A partir daí esta literatura, que antes era humorística, entra numa fase violenta/heróica com os super-heróis, e isso faz com que se produzam em maior número as

séries policiais com seus heróis detetivescos. Resultado: cresce o interesse pela ficção científica.

Também na década de 30/40 é que acontecem as reformas educacionais, com o objetivo de dar uma mesma base aos diferentes graus e tipos de ensino. O ensino primário era para formar um cidadão cooperante com o social e com os ideais cívicos. Sendo assim, na literatura intensificou-se uma produção voltada para a educação pragmática da criança, em que o literário cede lugar ao didático e conseqüentemente o maravilhoso, a fantasia e o imaginário são eliminados das narrativas infantis. Tudo isso porque se acreditava que essas "mentiras" da literatura infantil poderia provocar no espírito da criança uma série de alienações, de acordo com Coelho (1985). No lugar dos livros de literatura infantil, estavam sendo produzidos livros documentários e livros do realismo cotidiano. Só na década de 50 é que a literatura infantil começa a redescobrir a fantasia.

Porém, nem tudo na área infantil se perdeu. Alguns escritores da década de 1940 atingiram, segundo Coelho (1985) a dimensão criadora indispensável à produção literária, em que a fantasia e a imaginação se faziam presentes.

Dando um passo mais a frente no século XX, chega-se aos anos 50, época em que se finaliza o poder de Getúlio Vargas com seu suicídio em 1954. A política, então, prossegue seu rumo com o governo de Juscelino Kubitschek.

As reformas educacionais iniciadas na década de 30/40 continuam também na década de 50, mas quase tudo sem sucesso. A autora lembra também que foi nesta década que a crise de leitura se instala no Brasil, gerada pelos meios de comunicação de massa, uma vez que nesta época estava iniciando a Era da Televisão.

Acompanhando a era televisiva, a literatura em quadrinhos começa a se expandir e a revista *Pato Donald* é introduzida no Brasil; as revistas de terror também aparecem nessa época. Mas, a literatura quadrinizada tem dificuldades em se realizar como produto de sucesso, principalmente pelos responsáveis pela formação educacional das crianças, pois se achava que as histórias em quadrinhos era um perigo para nossa civilização que tem muitos séculos de escrita. Devido a isso, propõe que fosse proibido o ingresso de revistas

em quadrinhos, em virtude de seu caráter antipedagógico. Porém, mesmo sendo combatida por uns e defendida por outros, a verdade, segundo Coelho (1985) é que esta literatura cresce em importância como produto dos mais lucrativos na área da imprensa.

Na década seguinte, de 1960, a intelectualidade continua a frente, trazida pela televisão e mais tarde pela tecnologia do computador.

Nesta década, o Brasil vivia momentos políticos extremamente graves. Logo a seguir à inauguração de Brasília, em 1960, e à eleição do novo presidente Jânio Quadros, em 1961, a euforia da nação foi abalada pela renúncia de Jânio Quadros, ainda em 1961. Segue-se um período de caos político que a instituição do Sistema Parlamentar de Governo não conseguiu reorganizar. A deterioração da situação leva à Revolução de 31 de março de 1964; e ao início de uma nova ditadura (COELHO, 1985, p. 211).

Ainda sobre a tecnologia, é importante lembrar que nesta década os produtos audiovisuais como rádio, televisão, *outdoors*, publicidade, entre outros, alteraram o relacionamento do homem com o mundo, ou seja, chega a época do homem bem informado. As distâncias desaparecem e os “apocalípticos” preveem o fim do livro e do professor, a ser substituídos pelas telas da televisão e por robôs programados, ameaça que felizmente desapareceu.

Coelho (1985), afirma que: o dado mais significativo desse processo tecnológico é o computador, que vai instituir uma nova mentalidade no mundo.

É juntamente com a nova ditadura nos anos 60 que surge também a criatividade musical, trazida pela poesia que se torna a grande presença na vida brasileira. Em 1965 inicia-se um dos grandes Festivais de Música Brasileira.

No âmbito da educação, foi nos anos 60, durante o governo de João Goulart, que se votou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O objetivo fundamental dessa lei era a

democratização do ensino, tornando a educação um direito de todos e uma obrigação do governo. Nessa época, a escolaridade obrigatória era de oito anos. Nesta lei a ênfase dada foi à Literatura Infantil ou à leitura como habilidade formadora básica. Ela, de acordo com Coelho (1985), é colocada como ponto de apoio das atividades propostas aos alunos durante o processo de aprendizagem, servindo como ponto de partida para o estudo da gramática. A partir daí cresce uma demanda de livros literários, mas só se acelera realmente nos anos 70. Por ter essa nova tarefa, os livros de Literatura Infantil começam a chegar com uma “ficha” ou “roteiro de leitura” para orientar as atividades resultantes da leitura em sala de aula ou fora dela.

É importante lembrar que, mesmo sendo importadas, as histórias em quadrinhos e o teatro infantil não foram esquecidos. Importadas, pois o Brasil não tinha condições econômicas e culturais para esse tipo de produção. Mas mesmo assim as tentativas foram feitas através de Ziraldo e Maurício de Sousa, o qual lançou a querida Turma da Mônica, que alcançou o mercado nacional e o internacional.

Chegada a década de 1970/1980, a explosão de criatividade se dá com a Literatura Infantil/Juvenil. Vários escritores passam a substituir a literatura segura por uma literatura questionadora, “que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive” (p. 214). Mas apesar da criatividade, o nosso sistema de ensino continua um caos, necessitando de docentes ou orientadores preparados e conscientes de contemporaneidade e suas novas exigências. Exigências que se voltam essencialmente às transformações tecnológicas, devido à entrada dos computadores nas escolas. Ou seja, inicia-se a era do computador ou era da informática.

Seria os computadores uma ameaça? De acordo com Coelho (1985), para neutralizar tal ameaça seria de extrema importância descobertas de métodos que estimulem a energia criativa das crianças e dos jovens.

E principalmente faz-se urgente que as novas gerações descubram a leitura estimuladora ou criadora e através dela alcancem a *formação*

humanística que lhes dará a base cultural indispensável para serem no futuro os *criadores de programas* que a nova era vai exigir. [...] Em lugar de lutarmos contra esse novo instrumento da civilização e do progresso, urge que nos preparemos para dominá-lo (Ibid., p. 216).

Devido a essa era informatizada, sente-se a necessidade de revalorização do livro como mediador de cultura, fonte de conhecimento e estímulo à criatividade. Por isso, a Lei de Diretrizes e Bases, reformulada em 1971, prenuncia a “importância da leitura de textos literários e da educação artística como matéria de currículo” (COELHO, 1985, p. 217).

Seguindo em frente nas décadas de 70/80, Coelho, (1985): enfatiza três tendências que a Literatura Infantil apresenta: a realista, a fantasia e a híbrida.

A literatura realista expressa o Real e tem como objetivo testemunhar o mundo cotidiano, familiar e atual; informar sobre costumes, hábitos ou tradições populares; preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentarem as dores e os sofrimentos da vida.

A literatura fantástica apresenta o mundo maravilhoso criado pela imaginação, em que o lúdico prevalece. Neste mesmo universo, a ficção ganha lugar sobre o real e os escritores escolhem os mais diversificados estilos para chamar a atenção das crianças, como por exemplo, as histórias que tem personagens-animais (fábulas), as que transcorrem no mundo do “Era uma vez” entre outros.

E por fim a literatura híbrida parte do Real e introduz nele o Imaginário. Coelho (1985) salienta que é, talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras, a qual contempla o Realismo Mágico. Nesta linha, o espaço básico ainda é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, porém uma novidade de forma natural é introduzida, isto é, o estranho e o mágico passam a fazer parte da realidade.

Após esse passeio pelo século XX, é importante percebermos que o valor literário de cada obra não se mede, por sua inserção em uma ou outra corrente ou tendência, mas na *consciência do fazer literário*, revelado por sua matéria literária,

pelo seu corpo verbal; e também pela *adequação de tal matéria às forças renovadoras* mais atuantes em seu momento de produção (COELHO, 1985, p. 220).

A literatura, assim como a nossa língua e muitas outras coisas não são estáticas e por isso sofrem mudanças a cada época. É preciso que se saiba lidar com essas mudanças, sem deixar a literatura desaparecer. A modernidade sempre vai chegar, mas os livros, as histórias fantásticas, a viagem pelo mundo imaginário não podem ser esquecidas, pois não há tecnologia que substitua tão valioso prazer de se deleitar diante de um livro, de uma história.

3. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Desde o século passado percebe-se a importância que a Literatura Infantil ocupa na vida de muitas pessoas, principalmente na vida das crianças, as quais são as que ficam mais encantadas com esse mundo deslumbrado do faz-de-conta. E não precisa ser crianças já alfabetizadas. Pelo contrário, as menores, que ainda não conhecem o universo da língua escrita e nem da leitura por palavras são as que mais sabem aproveitar as fantasias e as que mais viajam pelo mundo da imaginação. Como bem lembra Abramovich (1993), é de suma importância para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. “Escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor” (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

Por isso, a criança começa a sua trajetória como um ser leitor ainda nos braços dos pais, ouvindo o que eles contam.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens) (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

É importante lembrar que cada professora respondeu o questionário de acordo com sua realidade e prática, tornando assim a pesquisa mais autêntica e objetiva. No que diz respeito à formação das docentes entrevistadas, todas se mostram competentes em seus trabalhos, visto

que são pedagogas e algumas são pós-graduadas na área da Psicopedagogia, além de dominarem bem o tema da pesquisa. Sem dúvida, estas áreas de formação tem uma imensa preocupação em se trabalhar a Literatura Infantil.

Para começar, as docentes expuseram o que entendem sobre Literatura Infantil e como o próprio nome diz, é uma literatura voltada ao público infantil, onde se trabalha o imaginário e a fantasia; é a arte da linguagem escrita voltada para as crianças; são livros clássicos de histórias voltadas à infância com uma linguagem própria. Histórias estas que, segundo Abramovich (1993) fazem as crianças sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, além de ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Como se sabe, a Literatura Infantil tem a sua importância nessa faixa etária, pois é através dela que a imaginação fantástica da criança é despertada. Todas as professoras consideram a Literatura Infantil importante, pois esta faz as crianças conhecerem novos cenários, despertarem nelas o gosto pela leitura, explorar sua oralidade, além de enriquecer o seu vocabulário, estimular o imaginário, a criatividade, o lúdico e a fantasia, fazendo com que as crianças viagem pelo mundo que elas mesmas criarem.

Além de tudo isso, a Literatura Infantil tem a sua finalidade e seu papel dentro de um trabalho pedagógico. Como finalidade pode-se citar algumas de "suas importâncias" como trabalhar a linguagem oral, o lúdico e o fantástico; despertar o gosto pela leitura. Mais do que isso, é enriquecer o trabalho pedagógico dentro de sala de sala de aula; trabalhar valores que possam ser levados à realidade das crianças no convívio social; interagir com o mundo de forma mais atraente, levantando assim a curiosidade e as emoções. Como papel, a Literatura Infantil serve como base para projetos pedagógicos realizados pelas professoras, e é onde se baseiam também atividades variadas, brincadeiras, momentos lúdicos, além de envolver a turma de forma prazerosa.

A forma de se trabalhar esta literatura também é um importante fator que conta pontos para que as crianças apreciem as histórias ouvidas, uma vez que contar histórias, de acordo

com Abramovich (1993), é uma linda arte. Há diversas formas de se trabalhar a Literatura Infantil, que pode ser através de filmes, dramatizações, teatros, leitura de livros de imagem, encenações, brincadeiras, manuseio de livros pelos próprios alunos e o mais comum de todos: o contar histórias. Esse "contar histórias" não é tão simples como se imagina, pois se contarmos uma história qualquer, de um modo qualquer, não surgirá na criança interesse algum. De acordo com Simões, (2000):

nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte. (Ibid., p. 26).

Por isso, o primeiro passo para contar uma história é saber escolher o livro ou a história. E neste momento de selecionar o texto, o professor deve ter bom senso e cuidado especial para adequá-lo às situações vividas pelas crianças. As histórias devem estar adequadas a sua faixa etária, conter elementos que envolva a criança de forma prazerosa e despertar sua curiosidade. Porém, mais do que isso, para enriquecer a sua vida, como afirma Simões (2000), a história deve estimular sua imaginação ajudando em seu desenvolvimento intelectual, afetivo e a reconhecer alguns de seus problemas.

Em seguida, é preciso saber como contar a tal história, pois segundo Abramovich (1993), a arte de contar história:

[...] é que equilibra o que é ouvido com o que é sentido. O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. [...] E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto [...]. Ah, é bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança. [...] Ah, é bom saber começar o momento da

contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...” [...] Ah, não precisa ter pressa de acabar (Ibid., p. 21).

Dentre as histórias mais contadas pelas professoras da Educação Infantil, os gêneros que prevalecem são os contos de fadas e as fábulas por serem mais atrativas às crianças, por despertar interesse e por serem de mais fácil entendimento, pois estão envolvidos no maravilhoso, no fantástico. A poesia, que não foi citada por nenhuma delas, também é “importante para seus ouvidos”, pois ela não é mais que um jogo de palavras, uma brincadeira que as crianças adoram. A poesia para crianças tem que ser de primeira qualidade, surpreendente, bem escrita e que mexa com as emoções e sensações.

Importante também para se formar o leitor desde a mais tenra idade é o professor contemplar o momento da história no seu planejamento pedagógico, reservando um tempo somente para esta atividade. Não importa a forma como este momento vai acontecer, (sentados no chão da sala ou na biblioteca, os próprios alunos lendo seus livros, a professora contando), o importante é que se reserve um tempo só para isso, como as educadoras entrevistadas fazem diariamente. Para Simões (2000), incorporar a leitura de histórias na rotina diária da turma faz com que as crianças desenvolvam naturalmente um interesse em aprender determinadas histórias e a reproduzi-las oralmente como se estivessem lendo.

As formas que as educadoras entrevistadas trabalham com seus alunos são variadas, não tem uma forma exata, depende do momento. Assim, as turmas podem se sentar em círculo, na sala (no chão, ficando mais livres ou nas cadeiras), ou irem até a biblioteca da escola, ou no cantinho da leitura, que é um espaço reservado para elas dentro da sala de aula, onde elas ficam mais à vontade e também mais concentradas. Simões (2000) chama a atenção para este aspecto, enfatizando que o ambiente deve ser previamente preparado e o educador deve ficar atento para garantir que todas as crianças visualizem o livro, pois as imagens nessa faixa etária exercem maior fascínio sobre elas.

Nestes momentos, as reações das crianças também são diversas. De acordo com os relatos das educadoras, meninos e meninas embarcam nessa aventura de viajar pelo mundo que só eles imaginam, ficam envolvidos, concentrados, maravilhados, expressam seus pensamentos e opiniões, mostram curiosidade e quase sempre pedem para contar novamente a mesma história.

E depois que acabar a história é bom fazer algum tipo de trabalho com os alunos, não uma avaliação, mas sim um trabalho que faça o aluno expressar o que compreendeu da história, sua própria opinião, ou uma simples conversa informal. Ou talvez trabalhos diferentes como projetos, teatro, ilustrações, encenações, reconto entre outros. Essas atividades de retomada das histórias podem ir se desdobrando em outras e assim a criação vai surgindo. Por este motivo é que Simões (2000) defende a leitura por parte da professora e a reprodução por parte das crianças. Desta forma, de criação em criação, as crianças podem criar seus próprios livros mesmo que ainda não estejam alfabetizadas.

Abramovich (1993) ainda fala da literatura fora da escola, ou seja, dos passeios das crianças a bibliotecas, como se fossem a um zoológico ou a um parque, e até mesmo da criação de suas próprias bibliotecas. Para ela, levar as crianças a livrarias ou bibliotecas é possibilitar a descobertas de maravilhas insuspeitas. É necessário este trabalho de passear por esses ambientes, mesmo que seja uma papelaria ou um bazar de interior onde também se vendam livros.

O importante é as crianças irem até lá, vasculhar, procurar, mexer, conhecer o que existe, ter sua curiosidade satisfeita, a vontade de ler aquele livro, de ficar mais tempo relendo aquele poema, de olhar bem olhado uma ou outra ilustração, ou de fechar rapidamente a capa dum que pareceu desagradável ou boboca, ou dar uma olhada em alguns parágrafos e verificar que não despertam mesmo nenhuma vontade de conhecer o livro por inteiro (Ibid., p. 150-151).

Vale ressaltar que Abramovich (1993), fala que: não só da literatura para crianças da Educação Infantil, mas também para as crianças já

alfabetizadas, do Ensino Fundamental. Ela ainda pergunta: contar histórias só para quem não sabe ler? Sem dúvida a resposta é: não, pois, segundo ela, os adultos também adoram ouvir histórias. Bebês, crianças maiores, jovens e adultos: todos sentem grande prazer em ouvir. Porém, neste trabalho se enfatiza a relação da Literatura com as crianças da pré-escola.

Para a criança da Educação Infantil, ouvir história é fundamental, pois “o livro da criança que ainda não lê é a história contada” (ABRAMOVICH, 1993, p. 24). De acordo com a autora, ouvir histórias é um momento de prazer, de gostosuras, de divertimento, de encantamento.

Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e revela muito mais tarde (Ibid., p. 24).

As histórias para crianças devem ser bem contadas, pois para elas esse é um momento especial e dependendo do tema, o adulto que lhe conta deve estar bem preparado para explicar. Abramovich (1993), ressalta que: a criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto.

A questão é saber como abordar tal tema e um destes com o qual ficamos um pouco receosos de falar com as crianças é a morte. Tema pouco explorado, como se as pessoas tivessem medo de falar sobre, como se as crianças não tivessem que encará-la algum dia. O que deve ser feito é discutir com a criança esse e outros temas de modo aberto, verdadeiro, honesto; é ajudá-la a entender que a morte é um ciclo natural e que devemos enfrentá-la. Desta maneira é que os adultos devem tratar outros temas “polêmicos” para os pequenos e isso não quer dizer, como afirma a autora, que para encarar os assuntos da realidade, o autor ou o “contador” deve usar da linguagem puramente realista, dura, crua. A linguagem também pode ser poética, suave, divertida. O que não faz sentido é tratar um tema de modo superficial, mascarado, uma vez que qualquer assunto pode ser importante para a criança, depende da sua curiosidade e do seu momento.

E a Literatura Infantil aborda uma série de temas como medo, amor, carências, perdas, descobertas, alegrias entre outros. Por esse e outros motivos já mencionados é tão importante trabalhar a Literatura Infantil, principalmente com as crianças da Educação Infantil, pois é nesta fase que elas estão mais abertas ao aprendizado.

É nesta fase que elas ficam sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer (ABRAMOVICH, 1993, p. 17).

E não é só sobre esses assuntos que as crianças aprendem, mas e principalmente sobre a escrita, não de forma literal, porém não deixam de aprender e conhecer o universo da linguagem escrita. A Educação Infantil é um caminho até elas chegarem ao ensino fundamental e por isso, nesta fase, deve haver a valorização das letras para que elas vão conhecendo-as aos poucos e quando chegarem à fase seguinte sentirem mais facilidade em aprender a escrever de fato. Porém, como os professores de crianças pequenas devem apresentar a escrita de forma dinâmica e lúdica, nada melhor do que as histórias infantis para o divertimento e o prazer de viajar no mundo da fantasia.

De acordo com Simões, (2000): a instituição de educação infantil tem papel ativo e constitutivo na alfabetização, a qual deixou de ser encarada como um momento estanque na vida do estudante e passou a ser vista como um processo contínuo, lembrando que quando a criança se apropria da linguagem escrita, futuramente terá maiores possibilidades de inserção social e conquista de autonomia.

Sabe-se que contar histórias a uma criança é uma atividade bastante corriqueira. Contudo, nem todos sabem o quanto esta atividade é importante nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem humana. As histórias infantis não servem apenas para distrair ou fazer uma criança dormir; elas carregam muito mais conhecimentos do que se imagina, estando aí presentes o conhecimento da leitura e da escrita.

Quando a criança ouve uma história, ela já começa a construir seu conhecimento sobre a

linguagem escrita, “já que a linguagem se reveste de qualidade estética (...) e envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos” (SIMÕES, 2000, p. 23).

Devido a isso é que o educador, ao escolher o livro que vai ser trabalhado, deve voltar sua atenção para a qualidade da estrutura da narrativa e suas adequações à língua materna. Para a autora, o que não faz sentido é “reduzir ou modificar o texto escrito, transformando-o em linguagem coloquial, pois desta forma o educador estará privando a criança de experimentar e perceber auditivamente as características que a linguagem escrita carrega” (SIMOES, 2000, p. 26).

Outro aspecto que faz com que a criança alcance o sucesso no processo de alfabetização é ter, no ambiente familiar, contato íntimo com a Literatura Infantil, tendo seus pais como interlocutores e tendo também a atenção individualizada.

Assim, cria-se um clima rico de afetividade e segurança e quando a criança já estiver em idade para ser alfabetizada, se sentirá mais familiarizada com as letras. Contudo nada impede uma criança de aprender perfeitamente, mesmo que não tenha tido “antecedentes literários”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho cabe fazer algumas considerações a respeito da Literatura, especificamente a infantil, a qual percorreu um longo caminho até chegar ao século XXI.

Mas, antes da Literatura é importante frisar sobre a Educação que, no início do século XIX era um problema que “preocupava os mentores do desenvolvimento” (COELHO, 1985, p. 165).

Neste século, a educação passava para um novo patamar depois da supressão do ensino jesuíta, com a tentativa de criação de escolas a fim de que se formassem profissionais competentes. Com o decorrer do tempo, debates, projetos e reformas foram feitos para que se estruturasse a educação nacional, que aos poucos foi se firmando, crescendo e tornando-se uma área de grandes produções, sendo uma delas a produção literária infantil.

A preocupação com a Literatura Infantil começa no início do século XVIII, “quando a criança passa a ser considerada um ser diferente

do adulto, com necessidades e características próprias” (CUNHA, 2002, p. 22).

Assim, surge a importância de se criar uma literatura específica para este público. Com o passar dos séculos, as histórias infantis vão surgindo, primeiras vindas do exterior, depois aparecem no Brasil com Monteiro Lobato, que é quem dá o pontapé inicial para o surgimento de uma verdadeira literatura infantil brasileira. Com Lobato, as crianças brasileiras conhecem de fato uma literatura própria para elas e desde então as produções só aumentaram nesta área.

Hoje, século XXI, pode-se dizer que a Literatura Infantil é bastante rica devido à atenção que lhe é voltada através de autores que se dedicam, obras excelentes e através também das escolas de Educação Infantil que evidenciam a Literatura Infantil no seu Projeto Pedagógico, pois acreditam que é uma literatura contagiante, pela qual as crianças aprendem e se desenvolvem afetivo, cognitivo e socialmente.

Portanto, claramente se percebe a importância da Literatura Infantil em vários aspectos, a qual é uma literatura enriquecedora, criativa, fantástica, estimuladora e de grande prazer, não só para os pequenos, mas também para os adultos que ainda tem alma de criança.

5. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1985. p. 163-220.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria & Prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- REGO, L. L. B. Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo, FTD, 1990.
- SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. Histórias infantis e aquisição da escrita. São Paulo. 2000.